

Špánková, Silvie

Atualização dos géneros romanescos

In: Špánková, Silvie. *Literaturas africanas de língua portuguesa II, Antologia de textos literários*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 40-62

ISBN 978-80-210-6978-7; ISBN 978-80-210-6981-7 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/131166>

Access Date: 27. 11. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

3. Atualização dos géneros romanescos

Falar do género romanesco nas literaturas africanas poderia parecer, à primeira vista, um abuso, já que as culturas negras africanas assentam na oralidade, na transmissão de estórias míticas, lendárias e exemplares. O romance, o género ocidental por excelência, atesta por isso nestas literaturas uma dimensão transcultural de miscigenação, levada a cabo pelo uso do português como língua literária. Se, por um lado, podemos falar de uma indiscutível herança do romance ocidental em todos os casos aqui apresentados, não é de subestimar, por outro lado, a inserção no espaço cultural africano, verificada a nível da linguagem, estrutura e, naturalmente, temática das narrativas. Mencionemos, a este respeito, o caso da autora moçambicana Paulina Chiziane que recusa a classificação de romance para as suas narrativas, denominando-as, à maneira africana, as estórias (e o mesmo seria válido também para Mia Couto). De qualquer maneira, neste bloco tentaremos encontrar nos “romances” alguns traços que possibilitem a sua orientação subgenérica, servindo esta para as discussões acerca do carácter e especificidades das narrativas africanas, em comparação com o cânone ocidental.

ROMANCE DE COSTUMES

António de Assis Júnior: O Segredo da Morta

(1935, LA)

António de Assis Júnior (1877–1960) é um dos precursores da literatura angolana, lembrado hoje em dia como autor de uma das primeiras narrativas angolanas, cujo interesse primordial consiste na recriação literária da sociedade crioula do Dondo na viragem dos séculos XIX e XX, dos seus costumes e ambientes. O realismo imposto a este retrato é sublinhado pelo uso da linguagem da época (desvios relativamente ao português padrão, inclusão de expressões e frases – muitas vezes de provérbios e outras manifestações oralizadas – em quimbundo). Para além disso e apesar dos traços realistas, a narrativa constitui-se como tipicamente africana pelo seu aspeto maravilhoso, em que o oculto proveni-

ente da miscigenação religiosa desempenha um papel fundamental. À maneira dos folhetins (originalmente publicado em folhetim em 1929), as várias histórias enlaçam-se neste romance, sendo sempre adiado o desenlace do mistério principal, anunciado logo no início e no título da obra.

Em 1872 seguia, Quanza acima, D. Clara Júlia Pires Pederneira. Seu marido, João Feliciano Pederneira, acabava de ser despachado administrador do concelho de Pungo Andongo, onde já residia, e decidiram fazer a viagem por mar, que era, senão menos dispendiosa, pelo menos mais cómoda.

Esperaria uns dias no Dondo pela esposa, que se destinava também a uma devoção à Muxima, à milagrosa N.^a S.^a da Conceição, em cuja igreja, situada na margem esquerda do rio, se ajuntava avultado número de peregrinos idos de toda a parte. Ali esperava D. Clara encontrar cura para os seus achaques morais, e para isso levava, representada em doze velas de cebo, uma promessa devido ao seu estado de saúde, que a trazia bastante preocupada.

De facto, havia muito tempo já que anunciara ao marido, antes da saída deste para Luanda, que ia em breve dar-lhe mais um herdeiro – o terceiro do seu segundo matrimónio; mas o período de gestação passou sem que aparecesse à luz do dia o fruto das suas entranhas. A incredulidade do marido e o seu próprio desânimo constituíram uma nódoa negra na existência de ambos.

– Por certo foi um engano de tua parte – dizia-lhe o marido a medo –; pode lá ser que, passado quase um ano, não tenhas pelo menos mostrado indícios de gravidez?

– Não há nada mais certo, meu amigo – respondia D. Clara –; sou mãe de quatro filhos, com as nossas Clara e Hortênsia, e não é já possível equívocos desta natureza. Contudo, também admira-me o tempo que decorre e...

– Ora, os enganos são susceptíveis, e este é um deles – replicava o marido.

D. Clara moía em silêncio estas apóstrofes e já nada respondia, nenhum argumento encontrava a opor ao marido; mas aquele estado incomodava-a deveras.

– Senhora, não seria de todo mau – aconselhou um dia a velha *Maceca*, sua antiga criada de quarto – mandar chamar a velha *Umba* 1), a fim de procurar qualquer remédio que a curasse.

– Que espécie de remédio pensas que me fizesse bem?

– Quis eu dizer, senhora, que mandasse a velha *Umba* adivinhar de qualquer kimbanda a doença que a minha senhora tem. Estamos em terras de ventos, mitos e seres sobrenaturais (*iuála mu' xi ia ianda*), e esse estado de gravidez costuma ter a sua explicação e, até, a sua cura. Na minha terra, lá nos sertões da Ginga, vi casos idênticos, que se curavam no fim de quatro e mais anos. Não admira, pois ... que a senhora ...

– Sei isso muito bem – atalhou a ama –, mas é preciso que se não tope com qualquer intrujão, que é o mais que por aí abunda ...

– Oh! senhora; isso não é de esperar da velha *Umba*, tão experimentada e dedicada como é, e que também fomenta o estado em que a senhora se encontra há já bastante tempo. –,

– E se, de facto, encontrasse quem me desse a explicação disto, eu gratificá-lo-ia bem.

– Então deixe isso ao meu cuidado, senhora, ou melhor, ao cuidado da velha *Umba*, a quem esta noite irei já procurar; dentro em breve teremos a explicação deste estranho caso.

Saiu a velha *Maceca* a desempenhar-se da missão que se impusera. Uma mulher de nome *nga Samba-ria-Malunga*, kimbanda de altos merecimentos, consultada, adivinhara, por meio dos seus manes, tratar-se de um hebu – feto cuja gestação se prolonga por anos sem conto –, frequente em terras de imagens encantadas ou entes sobrenaturais, que dominam o curso das águas e habitam os altos penedos de Pungo Andongo, onde era natural.¹

(JÚNIOR, António Assis de. *O Segredo da Morta*. Lisboa: Edições 70, s/d, p. 75–77)

BILDUNGSROMAN

Baltasar Lopes: *Chiquinho*

(1947, LCV)

Baltasar Lopes (1907–1990), figura importante da geração da Claridade, é, para além de poeta, o autor do primeiro romance cabo-verdiano, cujo tema compreende a aprendizagem de um jovem, a sua iniciação pessoal/amorosa, bem como a sua consciencialização cultural e social. Apesar do seu regionalismo e descrição detalhada do ambiente social, não se trata de um romance que incida prioritariamente sobre uma mensagem ideológico-política e social. Também a perspetiva narrativa não pretende ser objetiva, mas pertence ao protagonista. Neste registo subjetivo, o espaço da infância, o ambiente rural do Caleijão na Ilha de S. Nicolau, é evocado como um espaço mítico, genesíaco, depósito de uma cultura oral, transmitida de geração para geração. A passagem do protagonista pela cidade (Mindelo na Ilha de S. Vicente) significa o período mais rico em experiências pessoais e sociais (entrada no liceu, inclusão numa tertúlia, amor, percepção da crise social

1 Nome adoptivo, que quer dizer unigénito. “Tanga imoxi, utuxi, mona umoxi umba” – Ter um só pano equivale a andar nu, um só filho equivale a não ter nenhum.

e económica). A seguir, conhecendo de perto os dramas trágicos da seca, fome e morte, Chiquinho decide-se por emigrar para a América do Norte.

Com o mês de Agosto, derramava-se todo o mundo nas sementeiras gerais. Quando a chuva de verdade tardava nas baixadas, o bicho-de-chão dava cabo do milho que rebentara com os primeiros borrifos. De pais a filhos ia-se transmitindo aquela esperança sempre renascente no ano agrícola. As as-águas não deram nada no ano anterior, mas assim que caíam as chuvas não ficava um palmo de terra por semear. Eu não compreendia aquela resistência ao desânimo.

Para nós os mocinhos, era um trabalho obscuro, que não tinha a beleza das aventuras que povoavam a nossa cabeça. De quem gostávamos não era de Mané Péta, Antoninho Bia e dos outros que lombavam o dia todo no rabo da enxada. Era de Chico Zepa, o marinheiro, que não queria passar a sua vida perguntando ao céu se a chuva viria cedo aquele ano.

Todos tinham os seus casais de terra. Trabalhavam nas hortas dos companheiros, que, em troca, lhes dariam os mesmos dias de trabalho. Era assim, assistindo-se mutuamente, no sistema de mão-trocada, que de geração em geração iam aguentando o cativo, levando sempre açoitados de Nhanha Terra, dona de uma grande escravatura. Todos nós éramos escravos. Para ser escravo, bastava prantar a enxada no chão e partir em viagem para a época das as-águas com uma grande fé em Deus :

– Nossenhora nos ajude e nos dê boas as-águas ...

Vinha o mês das colheitas e quando, quase sempre, Nhanha Terra não mandava comida bastante para a sua escravatura, ninguém se revoltava. Nunca morria no coração aquela luzinha que anunciava que o ano seguinte seria farto. Enquanto não vinham as colheitas prometidas pelo Lunário, todos sujeitavam-se gostosamente ao alimento de milho aliado e café de milho queimado. E havia sempre disposição no corpo para dançarem, tocarem violão e cavaquinho, e amigarem-se, as mulheres parindo todos os anos nas camas de finca-pé.

(LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, 1993, p. 101-102)

Entrei em contacto com o grupo de que Andrezinho me falara. O programa era ambicioso e seduziu-me pelo que revelava de insatisfação e desejo de evasão das realidades circunstantes. Ele despertava em mim o Chiquinho que em S. Nicolau sonhava com aventuras longínquas por esses mares e terras de Cristo, lutando com gigantes, e tomava partido por Chico Zepa, o marinheiro. O programa do Grémio Cultural Caboverdeano afagava esse apelo do desconhecido que enchia de prestígio tudo o que excedia a minha experiência. E depois, Andrezinho, que o redigira, encontrou expressões magníficas

que acabaram de me conquistar. Para ele, os nossos problemas tinham uma tonalidade específica, que resultava do “cerco atlântico” e do “drama ancestral da formação étnica”. O que se impunha era reorganizar completamente a nossa vida, de harmonia com as nossas peculiaridades. Na vida administrativa. Na estrutura social. Na arte. A obra do Grémio era, assim, de profunda renovação: renovação de métodos e programas administrativos, renovação de atitudes espirituais que garantissem a expressão particular, e ao mesmo tempo humana, dos nossos problemas. Andrezinho deu a fórmula: enquadramento do nosso *caso* nas aspirações, sempre as mesmas, sob qualquer latitude, da alma humana.

O meu amigo tinha o segredo das expressões incisivas, lapidadas em recorte nervoso. Poucos anos mais novo do que ele, eu sentia contudo que a sua inteligência era já adulta. Por isso, os camaradas lhe chamavam o “Erudito”. Era vê-lo, de gestos sacudidos e bruscos, expondo as linhas da nossa acção.

Andrezinho já tinha o 7.º ano, feito no ano anterior. Mas passava a vida no Liceu. A ideia da organização do Grémio veio-lhe da camaradagem com condiscípulos mais novos no curso. A minha admiração pelas fórmulas recortadas do “Erudito” assegurou-me lugar no Grémio. Demais, eu representava uma ilha que, no dizer de Andrezinho, era um “um caso sério” dentro do Arquipélago.

– Sim, Chiquinho, aquilo é gente que tem o sentimento da duração. Gente sólida, equilibrada . . . Heróis da vidinha miúda de todos os dias . . .

Andrezinho fez-me conhecer melhor a minha ilha. Cenas que eu tinha presenciado, dramas que me haviam impressionado, tudo isto adquiria agora um significado, que a interpretação do meu camarada tornava claro para mim. Fiquei vendo na minha ilha um vasto laboratório de experiências humanas... Gente que não cede ao desânimo, desejo imperioso de defesa, quaisquer que sejam os resultados do esforço. Sobre tudo isto, permanentes evasões para o sonho, para a distância, para destinos desconhecidos, que o mar oferece sempre na curva azul e inconstante das suas águas. Resistência moral. Que outro nome podia ter a fé da minha gente semeando, ressemeando sempre? A luta contra as indicações do Lunário, contra o bicho-de-chão, que dá cabo do milho de dois coquinhos, contra a falta de chuva em Outubro, a lestada, o mau clima do tempo. A luta de Chico Zepa, o marinheiro, contra o destino, que não o deixava embarcar para S. Vicente e ali fugir a bordo de qualquer vapor para essas terras longe que para sempre o tinham roubado à enxada.

(LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, 1993, p. 124–126)

Alguns senhores sérios chegam de madrugada. Os rapazes oferecem-lhes pares. Slow-fox. O saxofone sublinha, muito *blue*, a saudade da *baby*, que está *away*. Um dos recém-chegados, rapaz alto e esgaldado, chega-se a Nuninha e tira-a para dançar :

– Vamos dançar este slow?

Passam muito colados. Os olhos de Nuninha estão quase fechados. Fico sentado, sombrio, a um canto, com uma estúpida dor de cotovelo.

– Vamo-nos embora?

O grupo liceal resolve sair. Já a madrugada está alta. Nuninha não quer que eu parta. Mas eu obstino-me.

– Andrezinho é teu irmão, ele que te acompanhe. Ou então pede ao rapaz com quem dançaste...

– Estás doente, coisa doce ?

– Estou com dor de cabeça...

– Dor de que ?

– De cabeça, já disse...

– Deixa-me correr-te a mão no braço, fica macio...

– Descarada... Que te disse o rapaz ?

– Disse-me que os meus olhos são mais escuros que a noite.. Mas que eu sou a sua aurora...

– E que lhe respondeste?

– Disse mais que só agora, depois de me ver, compreendeu que o seu destino se fixou...

– E tu, é claro, acreditaste nas suas chaleirices...

– Não sei... Ele fala tão doce...

– Está muito bem. Não quero mais nada contigo. Amanhã dás-me a minha mascote e o meu retrato.

– Entendido...

– Chiquinho!

– Chaleira!

– Só te quero a ti, Chiquinho...

Vamos acabar a noite na Pontinha, apanhando o fresco, para melhorar a cabeça. Vultos confusos de faluchos, palhabetes e lanchas na baía. O vapor do Estado bruxoleia uma luzinha tímida na proa. No Padrão a brisa bate-nos na cabeça, como um calmante. O farol do Ilhéu deflagra seu tríplice espasmo vermelho. Depois escuridão, a distância adivinha-se tenebrosa atrás do betume da negrura. A ilha de Santo Antão é um mistério para além da cortina negra. Mas a manhã pressente-se chegando. A cidade e o marulho das ondas enguliram a voz doméstica e despertadora dos galos. Um rebocador da Shell

vem lentamente arrastando uma lancha para o costado de um Oil-Tank. Tenho uma dorzinha leve de cabeça. Vou para casa afogar em sono o carnaval.

(LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, 1993, p. 186–186)

ROMANCE REGIONAL

Manuel Lopes: *Chuva Braba*

(1956, LCV)

Manuel Lopes (1907–2005) é, ao lado de Baltasar Lopes, o fundador da moderna ficção cabo-verdiana. Este romance, cuja ação é localizada na Ilha de Santo Antão, narra o destino de um jovem, Mané Quim, forçado e enfrentar, diariamente, várias atrocidades climáticas e sociais (isolamento, seca, fome, miséria). A perturbação interior desta personagem começa no momento em que lhe é dirigido um convite para partir para o Brasil. O jovem vê-se atormentado pelas sensações contraditórias, tão características da escrita do grupo da Claridade a que Manuel Lopes pertenceu: a necessidade de partir e o desejo de ficar.

Com a ausência do sol o calor subia da terra como do rescaldo dum incêndio. Dos leitos dos córregos que golpeavam profundamente a ampla base do vale uma aragem leve e muda começara a ascender; vagabundeando sem direcção, foi-se alastrando e absorvendo o calor da terra, dando às chãs rasas e queimadas uma consoladora fresquidão. Mané Quim sentiu-se envolvido da sua carícia benfazeja, e, aos poucos, restituído do bem-estar e da tranquilidade que o padrinho lhe havia tirado. De repente, mau grado o acabrunhamento e a tristeza, um vivo sentimento da realidade – uma acuidade anormal para as coisas que habitualmente se lhe escapavam – acordou no seu coração. Como se o remorso, e uma prematura saudade, começasse a minar-lhe a consciência...

As montanhas postavam-se à volta nuas, cinzentas, estáticas, à espera da noite. O silêncio já não era bem silêncio, mas um imenso ouvido à espreita, um ouvido sem perturbação, atento e sensível a todos os ruídos, a todas as expressões de vida que vibravam no ar. Através da urdidura invisível da atmosfera os ruídos iam e vinham, cruzando-se, como uma multidão de lançadeiras que se sucediam ininterruptamente. Chegavam e partiam enlaçados, ou um a um, distintamente rotulados pela clara mudez do desamparinho. Eram vozes desprendidas de palavras soltas em qualquer parte, o desmoronar cavo e cheio de ecos duma quebrada nos fundos distantes, um brado aqui

e ali, o pisar de ramos secos próximo, um burrico algures de goela aberta zurrando como corneta desafinada, ou, de repente, o mugido prolongado dum boi solitário. Era, sobretudo, o bruaá difuso – música de fundo ou ressaca longínqua que se desfazia em número infinito de lançadeiras microscópicas quase imperceptíveis, e se desprendia da natureza inanimada e por momentos pairava no ar; esse sussurro misterioso que é a linguagem dos crepúsculos nos amplos e profundos vales, que vem não se sabe donde e paira na atmosfera e se dissolve como vapor de água em sucessivas vagas agonizantes.

Para Mané Quim, era essa a realidade, a sua realidade de vinte e três anos. Desde que nascera até hoje tinha sido essa a sua música familiar, a música que os seus ouvidos melhor entendiam.

A proposta do padrinho soava-lhe ainda aos ouvidos qual som de guerra destoando da tranquilidade reinante. Descera sobre a paz do seu espírito como milhafre sobre a criação descuidada. Descera, levantara pó, provocara pânico ... (Mas sucede que há, perto, uma árvore protectora em cujos galhos entrelaçados as asas habituadas à amplidão se embaraçam, há esconderijos entre as fendas dos muros onde a fera esbarra desajeitada, há as asas das mãos intrépidas, ou, ainda, esse mesmo pânico capaz de desnortear o mais sanguinário dos inimigos. Passado o momento difícil, arredado o perigo e a confusão – e porque não deixou de haver sol no céu e cisco na terra, borboletas voando ao alcance dos bicos e lagartinhos suspensos nas folhas tenras das plantações rasteiras e besouros entre as pedras, enfim uma enfiada de tentações fortes que se oferecem de todos os lados aos imperativos mais instantes – à gula da bicharada miúda da casa –, de novo a vida volta, esquecida, à normalidade embora os coraçõezinhos batam ainda por uns instantes, descompassadamente)... De momento era ainda tudo confuso no seu espírito. Nem se esforçou por formular uma resolução, nem procurou meter um fósforo aceso na escuridão da sua cabeça. Mas a pouco e pouco, naturalmente, o coração, passado o pânico, foi serenando, a proposta do padrinho foi ficando para trás, a imagem do homem extinguindo-se até desaparecer por completo sob a pesada mansidão da tarde que morria.

De bruços sobre o muro, ficou-se olhando a chã rasa coberta de capim ardido. Uma frase acudiu-lhe ao espírito, uma frase apenas: «Isto está ficando medonho» mas esqueceu-a logo. Diante dele uma cabra branca luzidia, amarrada a um pé de rícino, mexia o rabinho com tanta esperteza como se estivesse teimando em dizer não, não, não; batia nervosamente as patas, espirrava graciosamente meneando o focinho e mostrando os dentes num riso trocista e alvar. Dando com o rapaz debruçado a olhar para ela, tornou-se quase prazenteira, parou de ruminar, levantou o focinho para ele e fitou-o de frente com inesperada inteligência, como se quisesse falar-lhe, dizer-lhe da sua filosofia sem artifícios nem complicações. Mané Quim observou-a com entendimento. Compreendia melhor os bichos que os homens. Sabia o que significavam aquelas manhas: «Tu o que estás a pedir é macho. Agorinha assim, fosses minha, botava-te era no bode de nhô Sansão.»

Para lá duma elevação de terreno uma espiral de fumo subia direito aos céus como corda levemente tangida. Devia ser nh'Ana queimando bananeira para o fabrico de sabão. Mulher mexida, nh'Ana. Enquanto o marido, coitado, não se podia ter nos pés ulcerados – quem o vira outrora homem enérgico e rijo, e o via agora galo murcho! – nh'Ana, que virara galinha cantadeira e levantar a crista, não parava de fazer e mandar fazer. As filhas, umas mulhereças, não tomavam fôlego sob o seu comando, desaprenderam de mandriar, sempre carretando imensas cargas, indo e vindo numa roda-viva. Fabricavam queijos de leite de cabra, cordas de carrapato desfiado, esteiras – esteiras vendidas para toda a ilha e mesmo recomendadas de S. Vicente; trocavam produtos agrícolas por artigos de mercearia, fazendas, peixe. Troncos de bananeiras paridas tinham larga aplicação ali no terreiro da casa de nh'Ana. Mané Quim lembrou-se, por associação de ideias, da bananeira grávida no fundo do ribeiro; notara-o de manhã quando seguia pelo leito a caminho do regadio do Ribeirãozinho. O facto chamara-lhe a atenção porque era o primeiro cacho da moita que nhô Lourencinho mandara lá plantar.

Debruçado no muro do caminho, não era preciso Mané Quim virar muito a cara para topar o boqueirão do Tapume Grande de nhô Sansão, com o cerco de pedras soltas no topo para as vacas não descerem. O boqueirão era o pomo de discórdia entre a mãe-Joja e o velho depravado: volta e meia, as vacas metiam os chifres manhosamente, velhacas como o dono, deitavam abaixo as pedras e saltavam para o regadio. Com um simples movimento de olhos para o montante do ribeiro, mesmo na linha de chã, afogadas nas sombras que subiam do leito, distinguíam-se as franças pálidas das figueiras-bravas cujas raízes sugavam na mãe-d'água do Ribeirãozinho. O regadio do Ribeirãozinho era uma vistosa faixa compreendida entre o leito do mesmo nome e as bordas do Tapume Grande, principiando na mãe-d'água e indo terminar vários centos de metros ribeiro abaixo.

Ali moravam as ambições e as esperanças de Mané Quim. Sempre que lá descia – o que sucedia diariamente, pelo menos duas vezes, de manhã e à tarde – corria ao pequeno depósito, meladouro de pé de rocha, para observar o volume da água acumulada. Depois dirigia-se aos pilares, cavava o solo para estudar a altura da humidade e avaliar as necessidades, aflagava as plantas, passava os dedos pelas folhas dobradas e sem viço, falava-lhes, procurava incutir-lhes ânimo e confiança como se fossem criaturas desesperançadas e sugestionáveis. Era um rito normal, quase profissional e clínico de médico de província que visita quotidianamente os seus doentes. As palavras que lhes dirigia serviam também para ele, porque o dia em que lhe faltasse coragem para lutar por aqueles pilares, então o mundo poderia acabar. Ali principiava e terminava o seu mundo. O resto não era já da sua conta – era o «mundo dos outros»; ficava para lá da sua órbita.

(LOPES, Manuel. *Chuva Braba*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 20–23)

Teixeira de Sousa: *Ilhéu de Contenda*

(1978, LCV)

A ação deste romance de Teixeira de Sousa (1919–2006), situado na Ilha de Fogo, oferece um retrato da sociedade fogueense, das suas tensões internas, decorrentes da decadência da aristocracia branca e da transição para uma nova forma do viver social, com preponderância dos mulatos. A intriga desenvolve-se a partir da morte de Nha Caela, viúva de antigos donos de sobrados, comércio e propriedades agrícolas, assumindo o seu filho Eusébio o protagonismo na história. O romance faz parte de uma trilogia que fornece uma imagem global da sociedade e da vida na ilha no decorrer do século XX.

A igreja estava apinhada de gente. Não de gente que viesse toda ao funeral de Nha Caela. Gente, sim, que estava ali, na maioria, para assistir à missa grande do dia de S. Lourenço. Desde o altar-mor até cá fora à entrada quase não havia lugar para cair uma agulha, tantos eram os pés e os joelhos que cobriam o chão. No meio da igreja, numa rodinha que pouco mais era que o espaço para meia dúzia de covas de milho, descansava o caixão de Nha Caela. Quatro castiçais de bronze ladeavam o esquife. As velas de cera ardiam serenamente, dir-se-ia a alma bondosa da finada evoluindo-se da terra. Bafo morno pairava no ambiente de mistura com o cheiro a podridão que vinha do corpo da defunta. Mas isso não impedia que mais pessoas procurassem furar a multidão para se instalarem pertinho dos castiçais. Nem mesmo se sabia quando findavam os apertões e de que maneira o padre Afonso havia de realizar as exéquias. Logo foi ela morrer na véspera de S. Lourenço e escolher precisamente aquela igreja para receber o ofício fúnebre, no dia 10 de Agosto, dia do orago da freguesia. Bem podia ser enterrada na cidade, onde de resto residia a maior parte do ano. Mas morreu no sobradão de Ilhéu de Contenda, e assim deixara recomendado ao filho Eusébio, caso fechasse os olhos na sua casa de campo, que a sepultassem no cemitério de S. Lourenço, ao lado do amado esposo. Muito nutrida e pesada, não foi sem alguma dificuldade que transportaram o corpo até à igreja, debaixo de um sol de rachar. O camião, que devia vir de S. Filipe para acarretar o caixão, teve dois furos e ficou parado por altura de Cutelo Comprido. Quando o ajudante do camião chegou suado ao sobradão para informar Nhô Eusébio da avaria, este já tinha recrutado oito homens para levar o esquife, que agora estava a ser desrespeitado pelos festeiros, e donde exalavam os odores fétidos que empestavam a igreja. Até pingava líquido pútrido por baixo, saído talvez dos orifícios naturais. Não era para admirar, com o calor que fazia. Calor prenunciando mais chuva. Desde 20 de Julho que chovia a bom chover. Nunca se vira ano agrícola que começasse com tanta chuva. Quase todos os dias caía água do céu. Por isso, andava tudo verde, do mar até à serra. Forçosamente que seria um ano farto.

O padre Afonso demorava-se na sacristia, Eusébio já se sentia fatigado de tanto esperar. O fato de casimira preta estrangulava-o. Se calhar tinha engordado mais. O suor escorria-lhe em bica pelo rego das costas, as cuecas colavam-se às coxas. De quando em quando enxugava o toutiço com o lenço. Do adro da igreja vinham rumores diversos, cavalos que relinchavam, carros que roncavam, foguetes que assobiavam e estralejavam distantes, levando a todo o mundo os ecos da festa. E a senhora D. Micaela Medina da Veiga apodrecendo no meio da igreja e de tanta alegria que estuava em redor.

Os parentes homens acotovelavam-se com os fiéis inquietos. As sobrinhas e primas da defunta preferiram ficar no sobradão de Ilhéu de Contenda onde compareceram logo tiveram na cidade a notícia do falecimento súbito de Nha Micaela. Seriam umas nove horas da noite quando Tareja, sua velha criada, a foi encontrar na sala de jantar, sentada e morta numa cadeira de balanço. Estava ainda quente, devia ter acabado de morrer. A cabeça pendia-lhe sobre o peito, os braços pendulavam, e do canto da boca escorria-lhe baba em fio pelo queixo abaixo. Sacudiu-a, chamou por ela, deu-lhe bofetadas, e desatou finalmente a gritar pela vizinhança que acudiu pronto. Nha Micaela tinha morrido. Senhora grande de Ilhéu de Contenda finara-se, e com ela toda a sua bondade e respeitabilidade também, entre o povo daquela redondeza. Nha Mariquinha de José Claudio veio logo à casa da querida amiga. Era só atravessar um regato e chegar lá. As duas propriedades confinavam-se precisamente por esse regato. Na atrapalhação do momento até se estirou ao comprido junto do jardim. Soila ajudou a velha a pôr-se em pé. Mas nada aconteceu de grave. Apenas uma escalavradura num dos joelhos. Na sua língua lá do Chile rogou pragas à escuridão. De sorte que, quando chegaram de manhã cedo os parentes da cidade, já o sobradão se achava repleto com a vizinhança. Ele, Eusébio, teve de pôr aquela gente numa certa ordem, pois havia medidas a tomar imediatamente com relação ao recheio de casa. A mãe felizmente chegou ao fim da vida no seu perfeito tino, dando conta certinha de todos os haveres. Estava tudo seguro, mesmo porque Tareja e Manuel Feitor olhavam bem por Ilhéu de Contenda na presença e ausência da dona. Ela passava quatro meses no campo e oito na cidade. Não falhava um único ano, excepto em vida do marido, o pai Pedro que Deus tinha, quando iam de passeio até Lisboa. Antes de sair para acompanhar o caixão da mãe até à igreja, ordenou a Chiquinho que ficasse de guarda a todos os cantos do sobradão.

(SOUSA, Teixeira de. *Ilhéu de Contenda*. Publicações Europa – América, s/d, p. 13–15)

SAGA FAMILIAR

Pepetela: *Yaka*

(1984, LA)

Este romance de Pepetela passa-se em Benguela e abrange uma grande parte do século XX: inicia-se com o degredo de Óscar Semedo, enviado a África em 1880, cuja descendência constituiu uma grande família de colonos, e acaba em 1975. Se Óscar Semedo na verdade não passou de um português em terra alheia, o seu filho Alexandre Semedo, o verdadeiro patriarca da família, é o primeiro a nascer em África, dando o seu primeiro grito ao morder a terra, em sinal de pertença. O romance assim gravita em torno da questão da ambiguidade identitária, expressa magicamente pela estátua Yaka, o símbolo da terra-mãe africana cujo olhar segue todos os acontecimentos e comportamentos dos Semedo. Depois da independência, quase toda a família decide-se por partir, com exceção de dois membros da nova geração: Joel (militante do MPLA) e Chica (ligado à UNITA). O destino da família que, com devidas exceções, encarna a agressão colonialista, contrasta com a tribo dos cuvales, representante do colonizado subjugado e violado.

Benguela dos quintalões. Quintalões onde escravos dos Ganguelas, do Bié, da Lunda², dos Lozi e de mais longe ainda, da costa oriental de África, vinham parar. Engordavam aí para resistir à viagem de barco até S. Tomé, Antilhas ou Brasil. Quintalões de muro alto que escondiam cubatas³ e mangueiras, vigiados por vimbali⁴ atentos, dedilhando kissanjes⁵.

Por fora dos quintalões que ficavam do lado do mar, circundando o quartel da Companhia Indígena, o menino Alexandre Semedo cresceu com os muros altos de adobe, espreitando para dentro deles sem ousar entrar. Sempre tive medo estranho dos quintalões. Lembro-me, essa é a minha primeira lembrança, de cantos monótonos e batuques misturados a ruídos de correntes.

Em 1890 a cidade devia ser o conjunto de quintalões entre o mar e o princípio do barro da Peça, com grandes vazios no meio. Para a Peça fomos viver. O pai alugou

2 Lunda – Província do Nordeste de Angola; antigo reino muito importante (N.A.).

3 Cubata – Cabana feita de barro e coberta por capim ou folhas de palmeira (N.A.).

4 Vimbali – Africanos que serviam de intermediários no comércio; geralmente cidadãos, eram os que «viviam como os brancos» (N.A.).

5 Kissanje – Instrumento musical formado de palhetas metálicas e uma caixa de ressonância (N.A.).

um quarto na casa dum antigo degredado, conhecido seu de Moçâmedes. Ainda na infância, lembro-me bem do rugido dos leões indo beber água no leito original do Corinje que mais tarde foi desviado para se criar o centro da cidade nova. Era como se estivéssemos no território mucubal com os leões a encherem o silêncio da noite, contava a mãe. Os leões nunca me meteram medo, foi a minha primeira música de embalar.

Quando chegou, o pai de Alexandre soube do ultimato inglês. Já tinha passado meses atrás, mas os colonos ainda estavam em efervescência. Óscar Semedo, cada vez que falava disso, espumava de raiva:

– Tiraram-nos o que era nosso. Todo o território do Atlântico ao Índico, o território cor-de-rosa, era nosso por direito natural. De descoberta. Mas os ingleses queriam o meio. E disseram: ou nos dão isso, ou é a guerra. E esse rei incapaz e covarde dobrou-se. Os reis de Portugal sempre se dobraram aos ingleses. Por essas e por outras me perseguiram sempre.

Embora a população branca fosse quase toda republicana, parece que tinha alguns monárquicos. E o pai de Alexandre foi chamado na Administração, dois meses depois de chegar, por numa taberna ter andado à pancada com amigos do rei. Foi avisado pare com isso, senão volta para Capangombe. Engolindo rancores e palavras libertárias, deixou de frequentar tabernas por algum tempo. Mas toda a vida o conheci falando da República. E nessa altura haviam de dar cabo dos aristocratas ingleses e lhes recuperar a Rodésia.

Como não queria falar de agricultura, Óscar Semedo arranjou o único emprego ao seu alcance: ajudante numa loja. O patrão da loja, Sô Queirós, foi padrinho de baptismo de Alexandre. Tinha uma loja na Peça, casa baixa de adobe, caiada de amarelo. Deixou Óscar Semedo tomar conta daquela loja e foi abrir outra mais perto do Corinje e do mar.

O pai de Alexandre vendeu o carro boer e os bois, alugou uma casa. Nos primeiros meses da chegada não se desfez do carro. Queria trabalhar em Direito, notário ou tabelião. Não lhe deixaram. Na função pública também não. Até que caiu no comércio. Então vendeu o carro e os bois e o cavalo.

O comércio tinha caído muito, porque Benguela e Catumbela viviam do embarque de escravos. Os navios ingleses andavam à caça dos barcos negreiros e Portugal tinha assinado o tratado para pôr fim ao «tráfico de cabeças-de-alcatrão». Se foi fazendo, mas em menor quantidade. Na altura, já só os enviavam em pequenas embarcações para S. Tomé. Nenhum barco que ousava atravessar o Atlântico, pois a armada inglesa estava atenta. No entanto, devagarinho-vagarinho, os escravos foram substituídos por borraça, cera, marfim e couros. Era nisso que o pai de Alexandre negociava. As caravanas vinham do sertão, trazendo os produtos. E ele trocava com aguardente, pólvora e missangas. Às vezes também panos.

(PEPETELA. *Yaka*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 25–27)

Vilonda, sentado no rochedo azul do seu território, olhou o rio Cuporolo.

Espera a volta das duas mulheres que tinham ido à lavra. Terra boa, a do Cuporolo. Daqui se via as bandeiras do milho pintar de branco o verde da lavra. E para os bois então? O rio tinha água todo o ano, o capim estava sempre verde e tenro, os bois engordavam e luziam. Virou a cabeça para a esquerda e viu a manada. O filho mais novo e o sobrinho trazem os bois para o curral. A manada sobe o morro que nasce ao lado do rio, ondulando entre os penhascos, reconheceu no meio dela a namulilo⁶, a vaca mais sagrada de todas, o boi mocho, o dos cornos retorcidos, o malhado, a vaca cega, os vitelos. Ao todo, oitenta animais. Subiam sem pressa, de barriga atulhada, as vacas cheias de leite agitando os chocalhos. Um ou outro mugido eram música no seu ouvido. Encheu o peito de ar. Tudo estava ali. O cheiro, o som, a luz. Terra boa essa do Cuporolo.

A onganda⁷ de Vilonda já está fora do território cuvale. A dele e a de Ngonga, que lhe seguiu o exemplo. Esta terra era dos Mundombe, o território cuvale começa a dois dias de marcha para o sul, nas Mundas do Hambo⁸. Lhe tinham dito os parentes, trinta anos atrás, vais arranjar problemas. Mas ele veio com a mulher e os quatro bois. Sempre a sofrer a seca? Todos os anos andar, andar, à procura de capim verde? Bibala, Capangombe, Camuciuo, Caitou, todos esses sítios a família percorreu, ora para a frente, ora para trás, transumando os bois. Casa aqui, casa lá, curral aqui, curral acolá. Guerra também, e roubos também. Quebraste a tradição, um dia vais pagar. Quebrei a tradição? Mudei de sítio, deixei de cavar cacimbas nos leitos secos dos rios, procurei água permanente. Tradição? Viver nos rochedos secos, ver os bois secar e morrer? Que tradição manda os homens morrer de fome? Rezo na mesma para os antepassados, mato os mesmos bois na sua homenagem, só que piso terras mais no norte. Ngonga compreendeu, veio visitá-lo, viu os bois gordos, se fixou a duzentos metros da sua onganda. Os bois de Ngonga são agora muitos e estão gordos. Os mundombe vivem lá mais para perto do mar e do outro lado do rio. Às vezes vêm visitá-lo, não o tratam como intruso. Deste lado do rio, mas a quatro horas de marcha para Ocidente, tem só cana-de-açúcar dos brancos. Os brancos nunca vêm aqui, às vezes Vilonda vai lá abaixo no Dombe Grande vê-los. Leva um cabrito para vender, depois compra qualquer coisa, um cobertor, um machado, uma enxada. Mas é muito raro, não precisa de quase nada. Os brancos lhe perguntam pelos bois, mas ele boi não vende. Cuvale não vende boi, como vai vender o pai e o filho?

(PEPETELA. *Yaka*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 176–177)

6 Namulilo – Vaca sagrada. A mais importante do gado sagrado dos Cuvale (N.A.).

7 Onganda – O centro habitacional mais importante de todos aqueles que o grupo familiar ocupa ao longo do ano. É definido por um grande anel de ramos de espinheira no interior do qual se abrigam os animais e os homens. Existe no centro um círculo menor, para os vitelos. As habitações dispõem-se em meia lua, respeitando preceitos de grande rigor. A onganda tem carácter definitivo; inclui os cemitérios e os locais do culto. É um elemento fundamental no contexto cultural dos povos pastores do sul de Angola.

8 Mundas do Hambo – Cadeia de montanhas a sul de Benguela, no território dos Cuvale (N.A.).

Germano Almeida: *A Família Trago*

(1998, LCV)

Germano Almeida (1945) é ficcionista cabo-verdiano, excepcional pelo seu tratamento bem humorado e irónico. Neste seu romance, situado no contexto social e cultural da Ilha de Boa Vista, da qual Germano Almeida é natural, conta-se a história de várias gerações da família Trago, de seus segredos e peripécias. Dentro do género da saga familiar, o tempo abrangido é bastante amplo e, proporcionalmente, reflete alguns acontecimentos sociopolíticos na metrópole que têm alguma repercussão no arquipélago (referências a Salazar, Carmona, ao Estado Novo etc.). O discurso cabe a um membro da nova geração, implicado em reconstruir um retrato mais ou menos glorificante do fundador da família, Pedro Trago, e da sua descendência.

Nós só conhecemos nho Pedro Trago de ouvir dizer, mas com o passar dos anos e as estórias inconcebíveis que fui ouvindo das pessoas, acabei acreditando que Venceslau tinha inventado um mito exclusivamente para a nossa devoção familiar, tanto mais que, fazendo bem as contas, era fácil concluir que, na época em que mais estreitamente ele poderia ter privado com Pedro Trago, já as demências da idade e os estragos da memória tinham acabado por transformá-lo num velho desnordeado e sem tino, tão capaz de entrar pela Câmara Municipal adentro montado no seu velho *Ferrabrás* para com desaforo atirar sobre uma mesa um sarrão de dinheiro destinado ao pagamento das contribuições, como de descaradamente abrir o fimial para mostrar a sua pilinha já flácida e sem préstimo às mocinhas que logo pela manhã entravam na sua loja para as compras do café.

Nesse tempo já ninguém se lembrava do dia longínquo em que nho Pedro Trago tinha aportado à Boa Vista e, a acreditar no desbocado Serafim, a vila inteira ria-se dos desmandos do velho tonto e das propostas com que perseguia as mulheres que cruzavam a porta da sua loja. Vem ter comigo às cinco da manhã, instava-as com o cantante sotaque de S. Nicolau que nunca tinha conseguido perder, vais ver o que sou capaz de fazer. Felizmente que elas se riam das suas safadezas: a essa hora só pode ser para fazer chichi, nho Pedro, se quer mesmo fazer alguma coisa temos que combinar uma altura mais apropriada.

De qualquer modo parece que Venceslau já era rapaz mais ou menos taludo quando a família decidiu declarar Pedro Trago incapaz para todo o serviço e submetê-lo a rigorosa prisão domiciliária. Com comovente candura ele referia-nos esse período como tendo sido derivado de problemas de cansaço mental, não só pelos muitos anos de árduo trabalho, mas sobretudo pelo incumprimento de uma promessa feita à maçonaria. Porém, com cínica precisão Serafim situava esse acontecimento como tendo tido lugar

logo após a tarde em que a Dora o tinha encontrado a tentar masturbar-se diante dos olhos escancarados de uma mocinha que imprevidentemente lhe tinha entrado pela loja adentro justo na hora de fechar. Conforme contava Serafim, ela tinha chegado no preciso momento em que o velho expunha à esbugalhada menininha uma coisa que mais parecia um pedaço de linguiça defumada e com um sorriso desdentado e lascivo lhe pedia, vem pegar aqui!, vem pegar aqui!

O choque que Dora sofreu foi tão violento e imprevisto que escancarou a boca de espanto e não mais a conseguiu fechar, mesmo com todas as ajudas e fricções de azeite de purga a que foi submetida pelo pessoal da casa. Foi necessário que Venceslau fosse de urgência buscar o velho e já trôpego Muriçona que, além de matador de porcos e capador de animais, também prestava serviços de endireita e arrancador de dentes. A queixada está fora dos gonzos, diagnosticou Muriçona logo à primeira apalpadela com os dedos, porque já não confiava na agudeza da sua vista para trabalhos de grande precisão, e com um pequeno murro aplicado na barbela da Dora fez com que de novo voltasse a fechar a boca.

Para provar a senilidade do velho, Serafim dizia que tudo isso acontecia diante do seu maroto e divertido sorriso, pois que, regressado à casa como se nada de extraordinário tivesse acontecido e recostado pachorrentamente na sua cadeira de lona, acompanhava os esforços da família junta da boca da mulher, limitando-se no fim a perguntar se agora estava proibido de fazer chichi onde bem lhe apetecesse dentro da casa que tinha construído com o dinheiro ganho com o esforço do seu trabalho.

Nessa época Serafim, o seu segundo filho, já tinha dado à costa da ilha depois de uma meteórica passagem pela emigração, e consumia os seus dias na taberna de Babeje arquitetando o que chamava de um plano infalível para transformar o puro calcário da Boa Vista em cal muito superior a que vinha de Lisboa, ao mesmo tempo que aproveitava as suas longas pausas de meditação para divertir os presentes com inacreditáveis aventuras que dizia terem-lhe acontecido nas terras e mares do estrangeiro. Nesse dia estava justamente no meio de uma renhida luta, que os ouvintes já anteviam de desfecho incerto, entre ele e um tubarão que o tinha atacado durante o seu último naufrágio e insistia em comer-lhe o bucho da perna, quando foi interrompido por Venceslau com a novidade de que, por causa de um grande susto que tinha apanhado, a Dora estava sentada na varanda de boca escancarada e por isso precisavam de ajuda em casa.

Serafim largou a sua estória a meio e saiu a correr atrás de Venceslau, já a pensar que se calhar a Dora tinha-se assustado com algum dos seus vários santos a fugir do nicho, porém apenas para se rir a bandeiras despregadas ao tomar conhecimento do incidente de nho Pedro com a mocinha: é preciso tomar muito cuidado com este velho porque ele está a ficar um bocado perigoso, disse escandalizando toda a gente, se a gente não se precata, qualquer dia estamos com mais um irmão às costas.

No entanto, com um espírito prático que atribuía à influência sobre ele exercida pelo carpinteiro Peter, mas que anos depois Venceslau consideraria com desdém como apenas fruto da sua natural e incurável desfaçatez, decidiu lá mesmo que um bom cartucho de pirinha das ilhas seria suficiente recompensa para o susto que a menininha tinha apanhado. De modo que logo encarregou Venceslau de preparar o embrulho, de preferência sortido, recomendou enérgico, apalpou os queixais da mãe para confirmar que estavam de novo em ordem, lembrou-lhe a necessidade de continuar as fricções de azeite de purga e fez saber que tinha muita pena de não poder ficar mais tempo, tinha sido interrompido no meio de uma reunião muito importante. E lá partiu para as suas estórias malucas na taberna de Babeje.

(ALMEIDA, Germano. *A Família Trago*. Lisboa: Caminho, 1998, p. 13–16)

Paulina Chiziane: O Alegre Canto da Perdiz

(2008, LM)

Paulina Chiziane (1955) é considerada a primeira romancista moçambicana. Este romance apresenta, fundamentalmente, os destinos de duas mulheres, mãe e filha, afastadas tanto no tempo, como no espaço. Delfina, a mãe, é a preta ex-prostituta que representa um colonizado assimilado, desejando uma ascensão social e económica. Abandonando o seu primeiro homem, negro, pai de seus dois filhos, junta-se, com ajuda de um feitiço, a um colono português, com o qual acaba por ter mais dois filhos, preferidos. Abandonada por sua vez pelo homem português, não hesita, para manter uma certa estabilidade financeira, de entrar novamente no mundo de prostituição, explorando as crianças. Outro destino narrado liga-se com a sua filha Maria das Dores, apresentada, por anacronia, no incipit do romance como uma louca à procura de seus filhos. O romance assim questiona, em especial, as vicissitudes do colonialismo e a condição da mulher na sociedade (pós)colonial africana.

Um grito colectivo. Um refrão.

Há uma mulher nua nas margens do rio Licungo. Do lado dos homens.

– Ah?

Há uma mulher na solidão das águas do rio. Parece que escuta o silêncio dos peixes. Uma mulher jovem. Bela e reluzente como uma escultura maconde. De olhos pregados no céu, parece até que aguarda algum mistério.

– Quem é ela?

Uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua, assim, completa. Ancas. Cintura. Umbigo. Ventre. Mamilos. Ombros. Tudo à mostra.

– De onde veio?

No céu da vila a notícia corre como as ondas da rádio. Nesta cidadela pacata, quase nada acontece e tudo é notícia. Fala-se do estrangeiro que chegou e que partiu. Da mulher do administrador que engravidou e pariu. Fala-se da chuva que caiu e das sementes que brotaram. Do marido que não cumpriu com os deveres conjugais na noite que findou. Uma mulher nua é notícia de primeira página. E todos saem dos seus cantos em procissão. Vão ver, para crer.

– Quem é essa mulher que tem a coragem de se banhar no lugar privado dos nossos homens, quebrando todas as normas do local, quem é?

A mulher nua olha para o horizonte. O horizonte é uma cortina de palmeiras. Vê uma mancha. É um enxame. De abelhas? Não, deve ser de vespas. Ou de galinhas tolinhas acossadas pela queda de um bago de milho do tecto do celeiro. Mas a mancha vai ganhando altura, forma e movimento dos fantasmas. Uma mancha que levanta uma nuvem de pó, como uma manada furiosa, pisando solo seco. Da mancha falante ela ouve sons demolidores como dragões subterrâneos a comandar temores de terra. Sons que lhe diziam coisas. Coisas que ela entendia. Outras que não entendia. Sente cheiro de leite. Ouve o choro de uma criança – ah, afinal é um bando de mulheres, zangadas. Não compreendia por que estavam ali. Não compreendia aquela procissão, nem aquela zanga. O que querariam elas? Matá-la?

O grupo de mulheres furiosas precipita-se sobre ela como aves de rapina ávidas de sangue. Um grupo numeroso. Era o instinto de defesa comandando a marcha. Inquietação. Dentro das mentes assustadas, os mitos surgem como a única verdade, para explicar o inexplicável. Imaginavam as plantas a secar e a chuva a cair e a arrasar todas as sementeiras. O gado a minguar. Os galos a esterilizar, as galinhas a não chocar nem ovos nem pintos. Aquela presença era o prenúncio do desaparecimento da espécie dos galináceos. Nas curvas da mulher nua, mensagens de desespero.

– Hei, o que fazes aí?

A multidão vê a mulher nua sentada num trono de barro, beira do rio. Na posição de lótus, colocando a sua intimidade na frescura do rio. Vê-lhe o interior desabrochado, como um antúrio vermelho com rebordos de barro. Vê-lhe as tatuagens no seu ventre de mulher madura. Vê-lhe o corpo esguio, pequeno, recheado à frente, recheado atrás, esculpido por inspiração divina. Vê-lhe a pele macia, de café torrado. Os lábios gordos como um tutano, cheios de sangue, cheios de carne. Olhos de gata. Vê-lhe o cabelo e sobrancelhas macias e fartas como novelos de seda, com gotas de água escorrendo sobre as costas, como contas de lágrimas, na grinalda de uma noiva.

– Escandalosa, sai já daí.

Os pés da mulher nua contaram já muitas pedras no caminho. Palmilharam vários destinos à busca de um tesouro. Como uma condenada a caminhar a vida inteira. Atiraram-lhe pedras por todos os lados onde passou. Expulsaram-na com paus e pedras, como um animal estranho que invadia propriedades alheias. As vozes queriam que ela desaparecesse. Mas desaparecer para onde se ela não tinha onde ir? Compara as pessoas aos chacais, aos abutres. Não vê diferença. Há uma pessoa no abismo pedindo ajuda. A sociedade humana apressa-se a atirar paus e pedras, a pisar a mão com que te expressas por teu último desejo.

A mulher nua levantou a cabeça. Balançava os olhos entre o céu e o horizonte na visão clarividente dos poetas.

– Hei, que fazes aí? – grita uma das mulheres.

– Quem és tu?

Ela olha para a multidão, com os olhos no limbo. Deve estar a ouvir a música do amor. Deve estar a viver paixões secretas que lhe vêm do outro lado do mundo. Talvez veja imagens em movimento. Ou sombras falantes. Dentro dela deve haver sentimentos, pensamentos, vozes, sonhos, histórias, canções de embalar, que se apresentam numa amálgama, causando-lhe confusão na mente.

– De onde vieste?

Ela é solitária. Exilada. Estrangeira. Surgiu do nada na solidão das águas do rio. Vindo de lugar nenhum. Os seus pés parecem ter percorrido todo o universo pólo a pólo. Parece que nasceu ali, gémea das águas, das ervas, do milho e das árvores dos mangais. A vegetação pariu um ser.

Raiva e espanto no mesmo sentimento. Bem-aventurados os olhos cegos, que jamais verão a cor do terror inspirado por esta mulher nua. Algumas mulheres protegem os olhos da imoralidade. Da infâmia. Olham para o chão. As profanas rogam pragas em grossos palavrões. As puritanas benzem-se e colocam a palma da mão sobre o rosto como um leque. Fazem de conta que não vêem o que conseguem ver pelos interstícios dos dedos.

– De onde vieste tu?

As mulheres preparam o sermão do momento, feito de moral e ameaças. Ela escuta. Supera as ameaças com um sorriso.

– Quem és tu? – insistiam as mulheres furiosas.

As pessoas gostam muito de identidades. Chegam a exigir uma certidão de nascimento para uma pessoa presente. Haverá melhor testemunha do que a presença para confirmar que nasci?

– Por que estás nua?

A mulher nua está demasiado cansada para responder. Demasiado surda para ouvir. Desespera-se. Quantas forças uma mulher deve ter para carregar a tortura, a ansiedade e a esperança, quantas palavras terá a oração da eterna clemência a um deus desconhecido, cuja resposta não virá jamais?

– Usa a tua roupa, desconhecida.

A roupa dela esta ali, molhada. Cobrindo os arbustos verdes como um guarda-sol.

– Vá, veste-te já, mulher!

– Mulher, não tens vergonha na cara? Onde vendeste a tua vergonha? Não tens pena das nossas crianças que vão cegar com a tua nudez? Não tens medo dos homens? Não sabes que te podem usar e abusar? Oh, mulher, veste lá a tua roupa que a tua nudez mata e cega!

Ela responde com a linguagem dos peixes do rio. Sorri. Olha para o chão. Para o céu. Com brandura. Com candura. Os olhos emanam muita luz e uma miríade de cores. Ela é simpática. Ela é agradável. Tem dentes muito brancos. Completos. Ela é bonita. Tem sorriso de anjo. O que é que ela vê, para além do horizonte?

(CHIZIANE, Paulina. *O Alegre Canto da Perdiz*. Alfragide: Caminho, 2008, p. 11–15)

ROMANCE POLICIAL

Pepetela: Jaime Bunda, Agente Secreto

(2001, LA)

Embora este romance de Pepetela pareça, à primeira vista, policial, descobre-se rapidamente que se trata, antes, de uma versão parodiada deste subgénero romanesco. O protagonista, o estagiário da Polícia Secreta de Luanda, surge como uma personagem picaresca (com um aspeto que lhe deu a alcunha) que desconstrói um modelo paradigmático de detetive dos livros policiais clássicos (um dos modelos de Jaime Bunda é, de facto, James Bond, próximo dele pelo laço paródico do nome e apelido). Embora haja aqui um crime e a investigação, aquilo que interessa primordialmente no romance não é a descoberta do criminoso, mas o retrato satírico da sociedade angolana (mais concretamente luandense) contemporânea, abalada pela corrupção, depravação e egoísmo das novas elites, fossos sociais e apatia da sociedade após a guerra civil.

Jaime Bunda estava sentado na ampla sala destinada aos detectives. Havia três secretárias, onde outros tantos investigadores lutavam contra os computadores obsoletos. Havia também algumas cadeiras encostadas à parede. Era numa destas, a última, que Jaime poisava a sua avantajada bunda, exagerada em relação ao corpo, característica física que lhe tinha dado o nome. O seu verdadeiro era comprido, unindo dois apelidos de famílias ilustres nos meios luandenses. Mas foi numa aula de educação física, mais

propriamente de vólei, que surgiu a alcunha. Às tantas, o professor, irritado com a falta de jeito ou de empenho do aluno, gritou:

– Jaime, salta. Salta com a bunda, porra!

A partir daí, ficou Jaime Bunda para toda a escola. De facto, as suas nádegas exageravam. Ele, aliás, era todo para os redondos, até mesmo os olhos que gostava de esbugalhar à frente do espelho, treinando espantos. A mãe é que não gostou nada quando ouviu colegas tratarem-no assim, és um mole, não devias deixar que te chamassem um nome ofensivo, mas ele encolheu os ombros, a minha bunda é mesmo grande, vou fazer mais como então?

A alcunha até o ajudou, pois o professor de educação física considerou-o um caso perdido para o desporto nacional e nunca mais insistiu em obrigá-lo a fazer coisas para as quais não sentia a mínima vocação. Jaime ficava a maioria das vezes sentado à sombra, enquanto os colegas se extenuavam a correr de um lado para o outro ou a saltarem em movimentos pretensamente sincronizados. Ele ia comendo o seu lanche, comentando sozinho as peripécias que notava nos outros. E gozando as falhas. Era muito observador, não deixava escapar nenhum gesto ridículo, por minúsculo que fosse.

Por isso ria para dentro ao ver o colega Isidro batendo no teclado do computador, os dois indicadores muito esticados, a língua de fora, a qual se mexia ao ritmo da batida lenta. Os anéis de ouro que o investigador Isidro usava nos dois indicadores faiscavam. Patrício não dá mesmo, pensou Jaime Bunda, o dinheiro que o Isidro ganha gasta-o em ouro. Anéis, pulseiras, fio grosso de ouro como usam aqueles corredores de 100 metros da selecção norte americana... Só falta um Rolex de ouro. Parece um desses novos-ricos que ultimamente engrossam por aí... Deve ser isso mesmo, quer passar por novo-rico, ele que não tem onde cair morto. A menos que... Sabia de alguns esquemas do Isidro, mas talvez não desse para enriquecer. Estava entretido nestas cogitações quando entrou na sala o contínuo, que se dirigiu a ele:

– O chefe está chamar. Diz para correr.

Os três colegas riram, alarves. Toda a gente sabia que o estagiário Jaime Bunda não corria, era contra os seus princípios de vida. Levantou-se com a maior dignidade, acertou o vinco das calças, saiu da sala sem uma palavra, vincando o seu desprezo pela escumalha inferior dos investigadores seniores.

– Tenho um caso importante para si – disse o chefe Chiquinho Vieira. – Espero que faça o melhor que sabe...

Jaime encheu o peito. Finalmente, começavam a reconhecer o seu mérito. Não era ao Isidro que entregavam esse caso importante, era a ele, até aí sempre esquecido, atirado para uma das cadeiras da sala de detectives sem nada para fazer, só porque era «das famílias». Chiquinho Vieira um dia mesmo lhe tinha dito que só o mantinha no serviço porque recebia ordens do D.O., o Director Operativo. Mas que não tivesse ilusões, por ele nunca passaria de estagiário. D.O. também era das famílias e tinha-o incitado a escolher a profissão de detective, és muito observador, nada te escapa, vais ser um

craque. D.O. mandou recrutá-lo, evitando as formalidades da praxe. Depois de admitido fazia os testes e os treinos, abaixo a burocracia que impede o combate eficaz ao crime. Chiquinho Vieira e os outros, invejosos do seu parentesco com o D.O., nunca lhe davam ensejo de provar que era mesmo um craque, só lhe mandavam ir comprar cigarros. No máximo fazer cobertura a algum colega numa missão mais arriscada, mas sempre em papel subalterno. Ele esperava pacientemente na sala, sentado na mesma cadeira, vendo os outros escreverem relatórios sobre os assuntos que iam resolvendo ou não, eles diziam que resolviam mas os criminosos pululavam pelas ruas e os subversivos conspiravam contra o regime, enquanto ele ia amolgando a cadeira com o peso da sua bunda. Durante todos os meses que ali passava na sala, mais de vinte, aprendera a distinguir todas as moscas que entravam e saíam pelas janelas.

(PEPETELA. *Jaime Bunda, Agente Secreto*, Lisboa: Dom Quixote, 2005, p. 13–15)

ROMANCE EXPERIMENTAL

Arménio Vieira: *No Inferno*

(2000, LCV)

Arménio Vieira (1941), mais conhecido como um dos maiores poetas cabo-verdianos, dota as suas narrativas de um potencial imaginativo. Esta narrativa é na verdade uma paródia do romance, uma desconstrução do género romanesco ocidental, apresentado como já “caduco”. Embora a criação de um possível romance seja, ao longo da narração, sempre negada, o texto acaba por ser, na verdade, a sua homenagem. Os vários capítulos, sem nexos lógicos, convidam a uma passagem por vários nomes e obras consagradas, e não só literárias, mesclando autores e personagens que ganham vida, num frenesi propositalmente caótico.

Não restam dúvidas que alguém havia tramado R. Rabbit⁹. Pelo que toca a Joseph K.¹⁰, estava também fora de questão que o tinham caluniado. E quanto a Robinson?

Passava-se com ele algo semelhante, já que, um belo dia, dois tipos de gravata e chapéu lhe bateram à porta. Robinson foi abrir, convencido que era o homem dos jornais, mas não era. Tratava-se de um contrafé, pelo qual ele devia comparecer no *Castelo*.

– No *Castelo*, para quê? – perguntou Robinson.

9 Personagem de um filme de Robert Zemeckis

10 Personagem de Franz Kafka

- A fim de ser julgado – disse-lhe um dos oficiais.
 - Como?! De que delito me acusam?
 - Isso a gente não sabe – respondeu o outro oficial.
 - Sabem que mais? Enganaram-se na porta, a intimação não é para mim.
 - É para si, sim senhor. Era o que faltava a gente enganar-se numa questão destas!
- Pois bem, o senhor tem um prazo de dez anos para se apresentar no *Castelo*.
- O quê?! dez anos, convenhamos que é um prazo inacreditável; penso que os senhores estão a brincar.
 - Os oficiais do *Castelo* nunca brincam. Repito: tem um prazo de dez anos para se apresentar, sob pena de lhe acontecerem coisas deveras lamentáveis.
 - Que coisas, podem dizer-me?
 - Conhece os Cento e Vinte Dias de Sodoma, é claro que conhece. Pois bem, se não comparecer no Castelo dentro do prazo estipulado, ser-lhe-ão infligidos os quinze suplícios aí descritos pelo Marquês de Sade. Entendeu?
 - Desculpem, mas continuam a brincar. Já pensaram numa coisa? Digam-me lá quem aguentaria uma só das sevícias descritas pelo Marquês sem ir desta para melhor?
 - O Senhor do Castelo pensou já no problema; a equipa médica do Castelo tem receitas para tudo, até para fazer ressuscitar os mortos.
 - Sendo assim, já não está cá quem falou. Há um aspecto, porém, dessa questão que eu não percebi ainda: porquê dez anos? Insisto; é um prazo inacreditável.
 - Aparentemente é. Acontece, no entanto, que é extremamente difícil chegar ao *Castelo*. E, uma vez lá chegado, é preciso abrir uma infinidade de portas, atravessar corredores que nunca mais acabam, falar com um sem-número de guardas e ter muita paciência na sala de espera, já que a autorização para se entrar no tribunal do *Castelo* tem de ter a assinatura de inúmeros oficiais da justiça, os quais estão quase sempre ausentes do *Castelo*. E há mais: os advogados andam sempre ocupados, pelo que raramente têm tempo. Como vê, dez anos não é muito tempo; pelo contrário, e pouquíssimo tempo, razão por que deve pôr-se imediatamente a mexer, se não atrasa-se, e o Senhor do *Castelo* não admite atrasos.
- Bem, falta agora dizerem-me onde fica o *Castelo*, que eu não sei. É uma informação que não nos compete fornecer. Terá de obtê-la numa das bibliotecas do país.
- Como? Vou ter de consultar milhões de volumes?
 - Olhe que é uma sorte não ter que os ler. Basta folhear um determinado livro: o endereço do *Castelo* encontra-se lá dentro.
 - Em que livro, em que página?
 - Desconhecemos o título do livro; no que se refere à segunda pergunta, só lhe podemos dizer que o endereço não vem escrito na página, mas sim num papelinho vermelho.

(VIEIRA, Arménio. *No Inferno*,
Praia-Mindelo: Centro Cultural Português, 1999, p. 106–108)